

# Marcas de uso diastráticas nos dicionários do PNLD: tabuísmo e chulismo

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3306>

**Fábio Henrique de Carvalho Bertonha<sup>1</sup>**  
**Claudia Zavaglia<sup>2</sup>**

## Resumo

Este artigo volta-se a duas marcas de uso diastráticas referentes ao tabuísmo e chulismo (respectivamente, abreviadas como *Tabu.* e *chul*) presentes em quatro dicionários inseridos no “PNLD 2012: Dicionários”, quais sejam: (i) Tipo 3 – Saraiva Jovem (2010) e Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011); (ii) Tipo 4 – Novíssimo Aulete Lexikon (GEIGER, 2011) e Dicionário Houaiss Conciso (HOUAISS; VILLAR, 2011). Baseando-nos em Fajardo (1997), Strehler (1998), Welker (2004), Pontes (2009) e Gutiérrez Cuadrado (2011), pretendemos analisar as marcas de uso diastráticas existentes nesse *corpus* e distribuídas em nove microestruturas das seguintes entradas: “bicha”, “borrar”, “bunda”, “cagar”, “cu”, “foder”, “rabo”, “trepar” e “veado”. Verificamos que diferentes marcas são empregadas em uma mesma entrada, a depender do tipo de dicionário.

**Palavras-chave:** dicionários do PNLD; marcas de uso; tabuísmo e chulismo.

---

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [fabio.berthonha@unesp.br](mailto:fabio.berthonha@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0003-0770-4302>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [claudia.zavaglia@unesp.br](mailto:claudia.zavaglia@unesp.br) <https://orcid.org/0000-0003-0250-7019>

## Diastratic usage labels in PNLD dictionaries: tabooism and vulgarism

### Abstract

This paper broaches two diastratic labels related to tabooism and vulgarism (respectively, abbreviated as *Tabu.* and *chul*) present in four dictionaries inserted in the *PNLD 2012: Dicionários*, namely: (i) Type 3 – *Saraiva Jovem* (2010) and *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011); (ii) Type 4 – *Novíssimo Aulete Lexicon* (GEIGER, 2011) and *Dicionário Houaiss Conciso* (HOUAISS; VILLAR, 2011). Based on Fajardo (1997), Strehler (1998), Welker (2004), Pontes (2009) and Gutiérrez Cuadrado (2011), we intend to analyze diastratic labels available in this *corpus* and distributed in nine microstructures of following entries: *bicha*, *borrar*, *bunda*, *cagar*, *cu*, *foder*, *rabo*, *trepar* and *veado*. We found different labels are used in the same entry depending on the type of dictionary

**Keywords:** PNLD's dictionaries; labels; tabooism and vulgarism.

### Considerações preliminares

O caráter pedagógico inerente aos dicionários escolares é um fator que os diferencia de outras obras dicionarísticas. Desse modo, a contextualização existente nos verbetes tende a ser bastante produtora para seus consulentes, uma vez que evidencia o uso dessas palavras-entrada. E, além disso, é por meio da inserção de marcas de uso na microestrutura de um dicionário que o emprego de seus lemas é posto em destaque, por exemplo, com relação ao chulismo e tabuísmo.

À vista disso, o presente trabalho se concentra em uma perspectiva analítico-reflexiva sobre obras escolares inseridas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mais precisamente, na ramificação intitulada “PNLD 2012: Dicionários”, subdividida em quatro grupos de dicionários voltados ao Ensino Fundamental (EF) e Médio (EM). Desse agrupamento, interessa-nos examinar as marcas de uso em entradas consideradas *tabu* e *chulas* nos dicionários do Tipo 3 e 4, quais sejam: (i) Tipo 3 – *Saraiva Jovem* (2010) e *Aurélio Júnior* (FERREIRA, 2011); (ii) Tipo 4 – *Novíssimo Aulete Lexicon* (GEIGER, 2011) e *Dicionário Houaiss Conciso* (HOUAISS; VILLAR, 2011). Esses dicionários são adotados para o processo de ensino-aprendizagem de estudantes que estejam matriculados do 6º ao 9º ano do EF e do 1º ao 3º ano do EM.

Interessa-nos observar se essas marcas utilizadas são, de fato, úteis e coerentes em relação aos contextos de uso a que se propõem restringir e, além disso, verificar se os lexicógrafos explicitam suas escolhas nas obras elaboradas, revelando, ou não, questões ideológicas implícitas em sua inserção na microestrutura. Enfim, desejamos analisar, na codificação, a utilidade da inserção das marcas na microestrutura de itens lexicais.

## Percursos teóricos

Como apresentam uma característica intuitiva e pouco compreendida pelos consulentes, as marcas de uso, comumente, são arbitrárias. Sendo assim, baseamo-nos em estudos metalexicográficos de Fajardo (1997), Strehler (1998), Welker (2004) e Gutiérrez Cuadrado (2011) para logarmos êxito em nossas análises. Em face ao laborioso trabalho de etiquetagem, faz-se necessário destacar o papel do indivíduo que elabora o dicionário, pois, independentemente da tipologia da obra, a presença do lexicógrafo, imprescindivelmente, carregará suas concepções referentes à sociedade de que faz parte (ORLANDI, 2000).

## Dicionários escolares e o PNLD 2012

Conforme Haensch (1982, p. 127), um dicionário escolar é singularizado como “uma obra de consulta que não deve afligir um aluno com excesso de informações e que, além disso, tem de ser econômico”, quer dizer, deve priorizar uma extensão concisa; além disso, ainda afirma que, “[...] geralmente, os dicionários escolares (monolíngues ou bilíngues) que são usados nos colégios e/ou nas universidades são insuficientes tanto no que diz respeito à extensão quanto ao recrutamento das entradas”.

Em atenção ao escopo deste estudo, tomamos como referência a concepção de dicionário escolar encontrada no “PNLD 2012: Dicionários”, considerando-o como uma proposta lexicográfica que

[...] não só se mostra compatível com essas atividades como é pensada para propiciar o seu desenvolvimento; e, entre eles [os dicionários], são ainda mais adequados os que foram concebidos e elaborados para atender a essas demandas específicas. Como uma dessas demandas [de ensino e aprendizagem] é exatamente a da adaptação do que se quer ensinar/aprender ao nível de ensino e aprendizagem visado, podemos acreditar que os dicionários orientados para faixas específicas serão mais eficazes em seus propósitos pedagógicos. Na medida em que os dicionários escolares disponíveis no mercado livreiro visam diferentes públicos, obedecem a diferentes propostas e são realizados com graus variados de rigor, podem se revelar mais ou menos adequados para a consecução dos objetivos pedagógicos visados. (BRASIL, 2012, p. 18, grifos nossos).

Bugueño Miranda e Farias (2008) apontam que, para um bom resultado no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que o dicionário escolar apresente informações claras e pertinentes a seu público escolar específico ao mesmo tempo em que deve retratar sua língua materna contemporânea, caso contrário, implicaria em falhas na aprendizagem lexical de seu consulente. Conforme destacado por Farias (2009), os dicionários escolares carecem de expedientes lexicográficos que discorram sobre problemas referentes

à concepção e elaboração dessas obras, que são dirigidas aos consulentes nativos, apontando para soluções proativas, quer dizer, eficientes à ampliação e disseminação do conhecimento.

É uma difícil tarefa a pretensão de se explicar significados lexicais, sobretudo ao público escolar; acerca disso, Rossi (2000, p. 5) afirma que

[...] uma descrição completa e acessível do sentido lexical num dicionário elaborado para um público escolar apresenta-se como uma conquista difícil: a heterogeneidade constitutiva do léxico é um obstáculo à elaboração de um modelo de definição unívoco, universalmente válido<sup>3</sup>.

Com relação ao público-alvo – alunos em idade escolástica – sob a perspectiva de Pontes (2009, p. 40), “espera-se que, no futuro, os dicionários escolares venham adequar-se aos critérios propostos pelo [...] PNLD”, quer dizer, ao serem elaborados, possam ser consideradas as “características do usuário ideal do dicionário”. Esse autor observa ainda que “o didatismo do dicionário faz que este seja um instrumento pedagógico da maior importância, desde que cumpra convenientemente suas funções, entre tantas, a de auxiliar o aluno no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e comunicação oral” (PONTES, 2009, p. 25).

Por fim, Pontes (2009, p. 32) ainda defende que os dicionários escolares são “obras monolíngues usadas por escolares que se encontram em fase de aprendizagem de sua própria língua”, destacando que possuem características próprias, sendo que seus verbetes contêm (e precisam conter) informações que ultrapassam suas definições – explorando a compreensão paradigmática e sintagmática – mas que nem sempre vinculam imagens ao texto lexicográfico.

## **Marcas de uso: objeto de estudo**

Temos como objeto de estudo desta pesquisa as marcas de uso, também intituladas por vários autores como etiquetas, rubricas ou rótulos. Esses recursos são utilizados como expedientes linguísticos para retratar a perspectiva pragmática no dicionário, quer dizer, indicam ao consulente sobre a restrição ou ressalva de um uso específico de determinada unidade lexicográfica ou sua acepção.

---

3 No original: “une description complète et accessible du sens lexical dans un dictionnaire élaboré pour un public scolaire se présente donc comme une conquête difficile : l'hétérogénéité constitutive du lexique fait obstacle à l'élaboration d'un modèle définitionnel univoque, universellement valable”.

Esses componentes, substanciais na constituição do verbete, evidenciam a relevância da “etiquetagem” na definição a fim de que o dicionário possa contribuir ao entendimento do item lexical nos variados contextos. Como apontado por Strehler (1997, p. 23-24), embora as marcas sejam um recurso facultativo, elas se apresentam para destacar um desvio de determinada palavra – ou acepção – que se encontre dicionarizada, quer dizer “uma palavra que figure num dicionário e não seja de uso comum na camada neutra, precisa receber uma marca de uso”. Conclui-se que se trata de um recurso muito utilizado para realçar a variação linguística, pois elas “caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal da língua de uma comunidade linguística” (STREHLER, 1998, p. 172).

À vista disso, na microestrutura, a variação linguística pode ocorrer com relação: (i) aos limites fronteiriços (espaço geográfico: “regionalismo”, “lusitanismo”, “Nordeste”, “Pernambuco” etc.); (ii) à variante linguística condicionada pelo grau de formalidade existente na situação em que se dá o ato de fala, ou da finalidade, no ato da escrita (“formal”, “informal”, “coloquial”, “literário” ou “gíria”); (iii) à sua contemporaneidade (“arcaico”, “antiquado” ou “em desuso”); (iv) ou ainda, ao efeito de sentido que tal uso possa causar (“pejoratividade”, “ironia”, “jocosidade” ou “eufemismo”).

Welker (2004, p. 134) também ressalta a importância da inserção de marcas de uso na elaboração da microestrutura de dicionários, visto que,

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto.

Em virtude do emprego das marcas, o consulente pode (re)conhecer as restrições de uso dos itens lexicográficos, atualizando-os com relação ao *status* no sistema linguístico. Sob a perspectiva de Fajardo (1997), há muitas questões problemáticas envolvendo o uso das etiquetas nas obras lexicográficas, por exemplo, a ausência de uma definição transparente sobre os valores atribuídos a cada uma das etiquetas usadas nas obras dicionarísticas e até mesmo a sobreposição de dois ou mais valores sem que, explicitamente, seja marcada uma clara diferença entre eles, como entre “coloquial” e “popular” ou “arcaico”, “obsoleto”, “antiquado” e “desuso”. Ainda ao final do século passado, esse mesmo autor já destacava a relevância de uma sistematização das marcas de uso a fim de eliminar possíveis ambiguidades ou até repetições desnecessárias.

Pontes (2009) lembra-nos sobre a importância de duas funções básicas dos dicionários escolares: (i) auxílio na produção oral e (ii) contribuição para a produção escrita, pois, comumente, as pessoas recorrem aos dicionários não apenas para esclarecer dúvidas referentes aos significados, mas também para saber como determinado item lexical

é empregado contextualmente (informação descrita na microestrutura por meio de exemplos e das marcas de uso).

Por fim, constatamos um escasso aporte teórico no qual a Lexicografia possa se sustentar para o estabelecimento de uma categorização abrangente e unânime com relação às marcas de uso, o que resulta em abordagens subjetivas e discordantes nas obras dicionarísticas. Portanto, é pertinente o exame dessas marcações e a problematização sobre a ausência de marcas em dicionários.

## **Marcas diastráticas: tabuísmo e chulismo**

As marcas de uso pesquisadas neste estudo correspondem às diastráticas, as quais abarcam sentidos de interdição cultural e/ou religiosa sobre um determinado uso pejorativo, eufemístico, usos de baixo calão, obscenidades, proibição imposta por costume social e que revelam os usos intencionais do falante no discurso.

Segundo Santamaría Pérez (2000, p. 151, tradução nossa<sup>4</sup>), essas marcas tratam do nível de língua com referência ao “pertencimento de um indivíduo a um grupo social específico (sexo, geração, educação, profissão etc.)”; com isso destacam-se diferenças a partir de uma estratificação social. Em função da problemática em se demarcar as marcas diastráticas, quer dizer, estudos que possam delimitar os valores sociais, verifica-se essa não padronização, estimulando os lexicógrafos a se sentirem à vontade para traçar seus limites.

A percepção de que um item lexical é tabuízado ou que corresponda a um chulismo se constata de acordo com a comunidade linguística, configurando-se uma extensão de seus conceitos sociais. Desse modo, em concordância com Guérios (1979, p. 6), os tabuísmos e chulismos são fenômenos universais que variam no tempo e no espaço, de sociedade para sociedade e, em geral, “não chegam ao completo desaparecimento; mais frequentemente permanecem, quer sob a forma de derivados, quer como deformados sob vários aspectos”.

Se, por um lado, o tabu é um fenômeno que se relaciona à forte censura por temor, por vergonha, quer dizer, àquilo que é entendido como proibido de se ver, falar, repetir e que se tornam palavras-tabu, objetos-tabu, ações-tabu, partes-tabu, por outro lado, os chulismos correspondem a algo ordinário, comum e se cristalizam em unidades lexicais que expressam grosserias, rudeza, baixeza. À vista disso, autores como Strehler (2001), Welker (2004) e Pontes (2009) apontam para o fato de que a inexistência de uma

---

4 No original: “pertenencia de un individuo a un determinado grupo social (sexo, generación, educación, profesión, etc.)”.

padronização das marcas de uso leva lexicógrafos a estabelecerem as suas próprias, segundo sua melhor compreensão. A título de exemplificação, na entrada “bunda” (lexia a ser analisada mais adiante), constatamos o uso das seguintes marcas: *popular, informal, vulgar, pejorativo* e *tabu*. Nota-se que a marcação se mostra subjetiva, de certo modo, confusa, e não contribui para a compreensão de um possível consulente.

Portanto, verificamos que não é tão clara a caracterização dos sentidos pelas marcas diastráticas em razão da dificuldade de se delimitar a distinção entre os níveis sociais, pois, ao analisarmos os verbetes, evidencia-se que seus lexicógrafos divergem com relação à escolha de suas marcas. Além disso, ainda há o problema da interferência entre uma marcação e outra, por exemplo, a marca *vulgar*, podendo pertencer tanto ao estilo quanto ao nível da linguagem, a depender da concepção tomada como ponto de partida. Por fim, as poucas pesquisas na área, que elucidam as diferenças socioculturais, tornam o entendimento de valores diastráticos uma tarefa pouco coerente. No entanto, constata-se que, ao omitir marcas – geralmente diastráticas –, o consulente poderá entender que a unidade lexicográfica é utilizada pela comunidade indistintamente, quer dizer, que esse item lexical, bem como seus equivalentes sinonímicos não marcados, não explicitam uma valorização, ou mesmo um receio social, ao ser pronunciado ou escrito. Logo, a presença das marcas diastráticas é imprescindível para que os usuários possam se tornar aptos ao amplo uso da língua.

## Percursos metodológicos

O Programa Nacional do Livro Didático possui uma ramificação que será o foco desta pesquisa: “PNLD 2012: Dicionários”. Para este estudo, levantamos e efetivamos nosso *corpus* de pesquisa, abarcando os verbetes “bicha”, “borrar”, “bunda”, “cagar”, “cu”, “foder”, “rabo”, “trepar” e “veado” em Saraiva Jovem (2010), Aurélio Júnior (FERREIRA, 2011), Novíssimo Aulete Lexicon (GEIGER, 2011) e Dicionário Houaiss Conciso (HOUAISS; VILLAR, 2011), doravante, respectivamente, SJ (2010), AJ (2011), NAL (2011) e DHC (2011).

Levando-se em consideração que a Metalexigrafia escolar examina obras dicionarísticas escolares e seus objetivos particulares, há pontos críticos que podem ser trazidos à tona a partir do *corpus* selecionado a fim de motivar uma reflexão linguístico-metodológica. Verifica-se que a Lexicografia voltada para atender ao público escolar visa repertoriar as unidades lexicais peculiares e predominantes no âmbito de seus consulentes, isto é, almeja compilar dicionários orientados ao universo escolar que, do mesmo modo, merecem um juízo crítico avaliativo expresso pelos lexicógrafos. A partir disso, eles deveriam tentar constituir seus verbetes de maneira a não serem influenciados por seus valores pessoais, sendo que, para tal fim, uma linguagem mais pormenorizada poderia contribuir, embora, conforme aponta Gutiérrez Cuadrado (2011, p. 14), “a neutralidade é somente aparente”<sup>5</sup>.

---

5 No original: “la neutralidad es solo aparente”.

Em um segundo momento, elaboramos quadros comparativos a fim de analisarmos as marcas de uso contidas nos verbetes, com foco para os tabuísmos e chulismos de nosso *corpus*. A partir dessa recolha, via coleta manual, foram encontradas 50 marcas presentes nos 36 verbetes dos dicionários do *corpus*, a saber: *Amaz.*; *Anat.*; *Ant.*; *BA*; *Bot.*; *Bras.*; *Brasileirismo*; *CE*; *Chulo*; *Cnav.*; *Cons.*; *Emb*; *Fam.*; *Fig.*; *fraseol. infrm.*; *Fut.*; *Gír.*; *GO*; *gros.*; *infrm.*; *int.*; *Irôn.*; *Joc.*; *Lus.*; *Med.*; *MG*; *N.E.*; *p. ext.*; *p. ext. infrm.*; *p.ext. Joc.*; *Pej.*; *Pes.*; *Popular*; *RJ*; *SE*; *subst. fem.*; *subst. masc.*; *ta.*; *Tabu*; *td.*; *tda.*; *Text.*; *V conjug*; *verbo intrans. e pronominal*; *Vest.*; *vi*; *vp*; *vti*; *Vulg.*; *Zool*.

Em nossas análises, tratamos dos dicionários escolares dos Tipos 3 e 4 de acordo com a classificação já mencionada, considerando-se três pontos como parâmetros: (i) critérios descritivos lexicográficos precisos; (ii) projetos aos quais os dicionários estejam relacionados; e, por fim, (iii) propósitos educacionais em cada nível de ensino específico. A partir disso, lembramos que as quatro obras de nosso *corpus* possuem características de um dicionário padrão voltado às demandas escolares, cujas nomenclaturas variam de 19.000 a 35.000 verbetes (Tipo 3) e de 40.000 a 100.000 verbetes (Tipo 4).

É importante destacar que o Google Trends foi amplamente utilizado na pesquisa porque é um mecanismo gratuito que possibilita verificar propensões de uso no motor de busca Google a partir de palavras-chave específicas. É uma ferramenta que reúne tendências pesquisadas nessa plataforma, cujo volume de informações (base de dados) é gigantesco, além de destacar o aumento ou a queda na procura de determinado item lexical ao longo do tempo, o que auxilia na verificação da sazonalidade de uma unidade lexical. Ao evidenciar tendências de busca, podemos constatar o interesse de seus usuários, por exemplo, por meio da busca por termos específicos, pela comparação entre itens lexicais, pela segmentação diatópica (por país ou região) ou diacrônica (ao longo do tempo, desde 2004), por categorias, sendo possível se obter um gráfico horizontal pontuado de 0 (ausência de dados) a 100 (pico de frequência). Por fim, a comparação entre unidades lexicais, semanticamente próximas, ajuda a verificar seu grau de frequência/popularidade entre os usuários.

Por fim, contrastamos os verbetes com o intuito de focar nas marcas de uso, restringindo-nos a *Chulo* e *Tabu*; esse recorte é motivado pela possibilidade de análise intralinguística, pois almejamos observar como as marcas se apresentam em dicionários voltados ao público escolar. Analisamos as obras dicionarísticas a partir da observação dos enunciados presentes nos verbetes e, na sequência, propusemos algumas considerações comparativas. A importância das buscas realizadas no Google Trends será demonstrada a seguir.

## Discussão, análise e resultados

Entendemos que as marcas são inseridas na microestrutura a fim de destacar itens próprios e singulares, neste caso, ao universo escolar e são tidas como necessárias por seus respectivos lexicógrafos. À vista disso, analisamos as marcas de uso (HAUSMANN, 1977 *apud* WELKER, 2004) diastráticas (“tabuísmo” e “chulo”, respectivamente, abreviadas como *Tabu.* e *chul.*) existentes nesse *corpus*, que estão distribuídas em nove microestruturas das entradas supramencionadas, comparando-as a outras etiquetas.

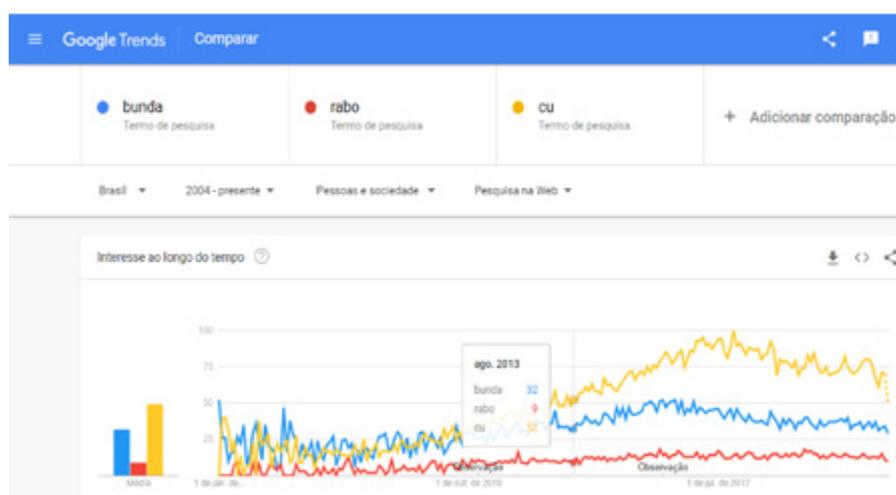
Verificamos a inexistência de uma padronização metodológica com relação à escolha de uma etiqueta em detrimento a outra, sendo que essa não sistematização ainda gera controvérsias em relação aos significados de uma mesma unidade lexicográfica nas diferentes obras consultadas.

Iniciemos nossas análises atentando-nos para o recurso da sinonímia, pois se faz muito presente ao ser utilizado por falantes para evitar lexias tabu ou chulas, por exemplo. De fato, se tomarmos os equivalentes sinonímicos de “ânus” (FERREIRA, 2010), encontraremos em sua definição:

1. Anat. Orifício na extremidade terminal do intestino, pelo qual se expelem os excrementos. [F. paral.: *ano*<sup>2</sup>. Sin. (pop. ou chulos): *cu* e (bras.) *feofó* ou *fiofó*, *fiota* ou *fiote*, *finfa*, *foba*, *pevide*, *viegas*, *alvado*, *ás de copas*, *boga*, *botão*, *butico*, *fueiro*, *furico*, *oritimbó*, *rosca*, *zé de quinca*. Cf. *anos*, pl. de *ano*.]

A partir de seus sinônimos, restringimo-nos àqueles que encontramos nos dicionários de nosso *corpus*. Vejamos a Figura 1.

**Figura 1.** Comparação entre as lexias “bunda”, “rabo” e “cu”



Fonte: Google Trends (<https://bit.ly/3MH4ZSu>)

Na Figura 1, podemos verificar a frequência de ocorrências das unidades léxicas “bunda”, “rabo” e “cu” no Google de janeiro de 2004 a agosto de 2021, sendo que “cu” é aquela mais presente na sociedade. Quando um indivíduo opta por usar um item lexical em detrimento a outro, várias perspectivas podem influenciar sua escolha (sociais, cronológicas, religiosas, etárias, estilísticas etc.), por isso aqueles tabuizados tendem a ser evitados. No entanto, conforme se observa na Figura 1, há quase 10 anos (desde agosto de 2013), entre as três unidades comparadas, o item tabuizado “cu” se apresenta com mais da metade das buscas dos usuários, por isso substituí-lo ou suprimi-lo em uma interação, no mínimo, atenua o impacto comunicativo entre os falantes. É necessário observar que a navegação pela internet encorajou muitas pessoas a desbravar esse novo mundo, o que, sob um caráter particular e de anonimato, pode ter estimulado a curiosidade pela linguagem “proibida”, como se observa no cotejo realizado.

Iniciemos a análise dos verbetes transcritos<sup>6</sup> a partir do Quadro 1.

**Quadro 1.** Entrada “bunda” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC(2011)	NAL (2011)
<b>bunda</b> (bun. da) <i>sf Bras pop Mq</i> <b>bumbum.</b>	<b>bun.da</b> <i>subst. fem.</i> As nádegas e o ânus.	<b>bun.da</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> região das nádegas <b>2</b> <i>p. ext. infrm.</i> conjunto das nádegas e do ânus. ☉ GRAM/USO <i>aum. irreg.: bundão</i> [ETIM: quimb. ‘mbunda’ ‘quadris, nádegas’] ◻ <b>nascer com a b. para a lua</b> <i>fraseol. infrm.</i> ter muita sorte.	<b>bunda</b> <sup>1</sup> (bun.da) <i>Vulg. sf.</i> <b>1</b> A parte traseira do corpo, entre as costas e as pernas; região glútea, o par de nádegas <b>2</b> Conjunto das nádegas e do ânus <b>3</b> <i>Tabu</i> O ânus; CU: <i>Arriscou, e tomou na bunda.</i> <b>a.</b> <b>4</b> <i>Pej</i> Ordinário, reles, sem qualquer valor [F.: Do quil. <i>mbunda</i> ] ■ ~ <b>de tanajura</b> <i>Bras. Tabu</i> Bunda grande, protuberante. ~ <b>de tico-tico</b> <i>S. Pop.</i> Bunda empinada. <b>Nascer com a ~ para a Lua</b> <i>Pop.</i> Ser sortudo, ter sorte na vida

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Pelo Google Trends, nos últimos 10 anos (de fevereiro/2012 a janeiro/2022), “bunda” se mantém em uma proporção de buscas entre 25% e 50%, o que configura um item lexical frequente nas pesquisas feitas pela sociedade brasileira; conseqüentemente, imaginamos que também faça parte do vocabulário de estudantes do 6º ano do EF ao 3º ano do EM. As informações normalizadas servem para facilitar as comparações entre as unidades lexicais, sendo que cada ponto de dados é dividido pelo total de pesquisas espaciais e ao longo de um intervalo de tempo. A partir disso, os resultados numéricos são calculados em uma escala de 0 a 100 baseados na proporção de um tópico referente a todas as pesquisas em todos os tópicos.

6 Os verbetes foram transcritos tais quais se apresentam nos seus respectivos dicionários. Com isso, preservamos os recursos multimodais estabelecidos por seus lexicógrafos acerca da pontuação, inserção de símbolos, distribuição da informação lexicográfica etc.

Em SJ, a definição sinonímica é marcada como um brasileirismo de caráter popular, ausente em AJ (ambos do Tipo 3); entretanto, ao verificarmos os dicionários do Tipo 4, seus lexicógrafos fornecem definições mais detalhadas, dentre as quais, em NAL, ressalta-se seu aspecto proibido pela marca *Tabu*, o que não ocorre em “rabo”. Vejamos:

**Quadro 2.** Entrada “rabo” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>rabo</b> (ra.bo) <i>sm</i></p> <p><b>1.</b> Em certos animais, prolongamento da coluna vertebral, em geral mais delgado que o corpo; cauda;</p> <p><b>2.</b> conjunto de penas que formam um leque e recobrem a parte final do corpo das aves;</p> <p><b>3.</b> <i>pop</i> traseiro, bunda;</p> <p><b>4.</b> <i>chul</i> o ânus. <i>Meter o rabo entre as pernas:</i> calar-se, por covardia ou por não ter razão. <i>Ter o rabo preso:</i> estar envolvido em situação ilegal ou antiética e, para não ser descoberto, depender do silêncio de alguém que está encobrendo este ato; ter algo a esconder (<i>O empresário tem o rabo preso com o corrupto e, por isso, não prestará depoimento contra ele.</i>).</p>	<p><b>ra.bo</b> <i>subst. masc.</i> Cauda (1 e 2). ♦</p> <p><b>Meter o rabo entre as pernas.</b></p> <p><i>Brasileirismo Popular</i> Calar ou humilhar-se, com medo ou por não ter razão. <b>Ter o rabo preso.</b></p> <p><i>Brasileirismo Popular</i> Estar envolvido em situação reprovável, ou em atividade ilegal.</p>	<p><b>ra.bo</b> <i>s.m.</i></p> <p><b>1</b> cauda</p> <p><b>2</b> <i>gros.</i> conjunto das nádegas e/ou o ânus [ETIM: lat. <i>rāpum, i</i> ‘rábão, planta hortense; rabo’]</p>	<p><b>rabo</b> (ra.bo) <b>sm</b></p> <p><b>1</b> Prolongamento da coluna vertebral de alguns animais; CAUDA <b>2</b> Conjunto de penas traseiras do corpo das aves, presas ao uropígio <b>3</b> <i>Vulg.</i> As nádegas e/ou ânus <b>4</b> <i>Bras. Gír.</i> Rabo de foguete <b>5</b> <i>Lus.</i> A parte pela qual se pega em qualquer utensílio ou instrumento; CABO <b>6</b> <i>Pop.</i> Genericamente, prolongamento de qualquer coisa <b>7</b> <i>Vest.</i> Aba de casaca <b>8</b> parte inferior de uma cachoeira que cai em mais de uma seção, detendo-se em patamar(es) intermediário(s); rabo de cachoeira <b>9</b> <i>Bras. Pop.</i> Rabo de palha <b>10</b> <i>Lus. Gír. Pej.</i> Homossexual masculino [F.: Do lat. <i>rapum, i.</i>] ■ <b>Chegar o ~ à ratoeira</b> <i>Fam.</i> Desistir completamente; considerar-se vencido; entregar os pontos <b>Crescer como ~ de cavalo</b> <i>Bras. Irôn.</i> Decrescer; declinar: <i>Meu poder de compra cresceu como rabo de cavalo</i> <b>Dar ao ~</b> Abanar o rabo (animal) ao andar <b>Dar com o ~ na cerca</b> <i>Bras. Pop.</i> Morrer <b>Encher o ~</b> <i>Tabu.</i> Comer muito, fartar-se, empanturrar-se <b>Meter o ~ entre as pernas</b> Calar-se, encolher-se, por submissão, medo, ou por não ter razão <b>Olhar com o ~ do olho</b> <i>Pop.</i> Olhar de soslaio, de esquelha <b>Pegar/segurar em ~ de foguete</b> <i>Bras. Fam.</i> Assumir tarefa, problema, situação complicada, difícil de conduzir ou resolver <b>Pegar no ~ da tirana</b> <i>MG Pop.</i> Trabalhar usando enxada <b>Pregar ~ em nambu</b> <i>Bras.</i> Dar a alguém atenção ou importância indevidas, por não merecê-las <b>~ da Cachoeira</b> Rabo (8) <b>Ter o ~ preso</b> Estar envolvido em situação, atividade etc. ilegal ou aética, sendo impedido, portanto, de se opor livremente a tais transgressões: <i>Se recusou participar da comissão que apura o caso, é porque tem o rabo preso.</i></p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Assim como visto em “bunda”, os dicionários do Tipo 3 se mantêm mais neutros em suas definições; porém, em SJ, uma das acepções é marcada por *chul*, sendo que esse chulismo é marcado por *gros*. em DHC, mesmo remetendo à igual imagem. Dentre as várias acepções de “rabo”, em NAL, destaca-se como uma imagem vulgar e, mais adiante, são oferecidas várias frases-exemplo para ajudar na compreensão. Note-se que um estudante que siga consultando essas obras para seus estudos poderá carregar dúvidas sobre o real entendimento dessa lexia em sua sociedade, uma vez que, dentre os quatro, um não usa marcas diastráticas e os outros três usam marcas diferentes. Passemos a “cu”.

**Quadro 3.** Entrada “cu” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
-----	<b>cu</b> <i>subst.</i> <i>masc.</i> <i>Chulo</i> O ânus.	<b>cu</b> <i>s.m.</i> <i>gros.</i> ânus [ETIM: lat. <i>culus</i> , ‘id’ hortense; rabo’]	<b>cu</b> <sup>1</sup> <i>Tabu. sm</i> <b>1</b> Ver <b>ânus</b> <b>2</b> O conjunto das nádegas e o ânus; BUNDA; TRASEIRO <b>3</b> Extremidade da agulha oposta à ponta [F.: Do lat. <i>culus</i> .] <b>■ Cair de ~ 1</b> <i>Lus. Tabu.</i> Cair sentado <b>2</b> Ficar sem dinheiro; ficar a nenhum <b>3</b> Espantar-se, surpreender-se <b>Dar o ~</b> <i>Tabu.</i> Praticar (como parceiro passivo) coito anal; tomar no cu <b>Encher o ~</b> <i>Tabu.</i> Comer muito <b>Ficar com o ~ na mão</b> <i>Bras. Tabu.</i> Apavorar-se, ter muito medo <b>Ir ao ~ de</b> <i>Lus. Tabu.</i> Praticar (como parceiro ativo) coito anal <b>Não ter no ~ o que periquito roa</b> <i>Bras. Tabu.</i> Ser muito pobre <b>Nascer com o/de ~ para a/prá Lua</b> <i>Tabu.</i> Ser sortudo, ter muita sorte <b>No ~ do Judas</b> <i>Tabu.</i> Muito longe <b>O que tem (a ver) o ~ com as calças?</b> <i>Tabu.</i> O que é que uma coisa tem a ver com a outra? <b>Tirar o ~ da reta</b> <i>Tabu.</i> Eximir-se de responsabilidade (para com algo ou alguém) <b>Tirar o ~ da seringa</b> <i>Bras. Tabu.</i> <b>Safar-se de situação difícil, desagradável</b> <b>Tomar no ~ 1</b> <i>Tabu.</i> Ver <b>dar o cu 2</b> Dar-se mal; fracassar; ser prejudicado por ação malévola alheia

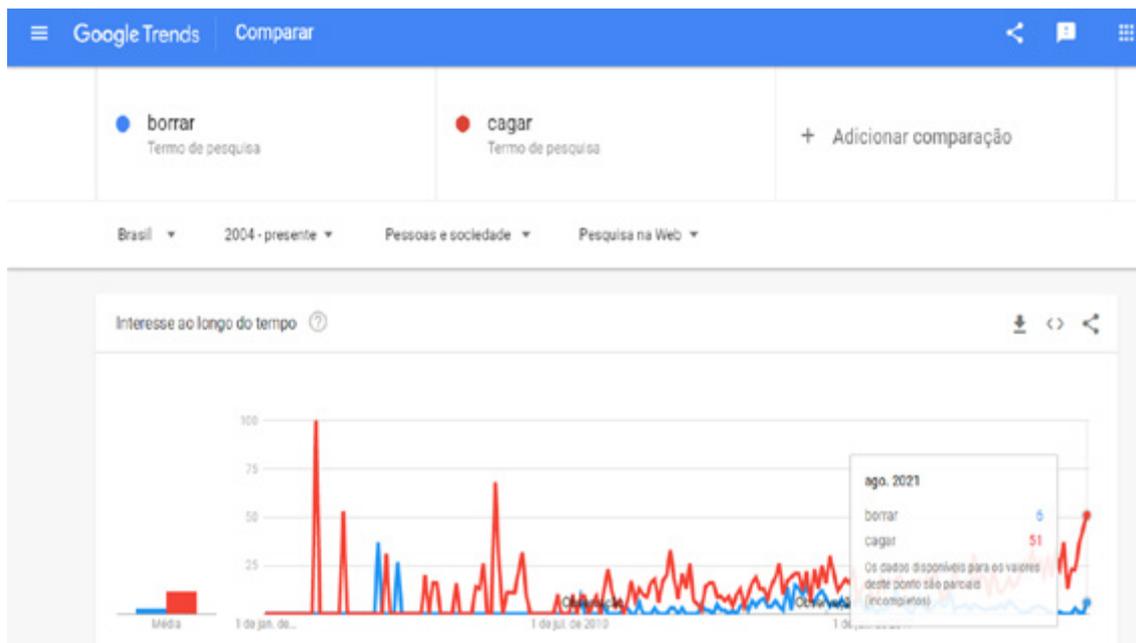
**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Percentualmente, “cu” é a lexia mais frequente desse grupo em análise. A não lematização desse item lexical em SJ pode revelar uma atitude de purismo do lexicógrafo em relação à língua, tendo em vista que procura apagar uma lexia que, muito provavelmente, está em circulação entre estudantes do EF II. Embora haja definições sinonímicas em AJ e em DHC marcadas por *Chulo* e *gros.*, de fato, em NAL, são trazidas à baila várias acepções e fraseologismos que comumente circulam entre os jovens do EM e acertadamente etiquetadas para advertir seu consulente sobre sua restrição de uso.

É importante lembrar que os tabus linguísticos decorrem de particularidades da vida social (normas sociais, decoros, pudores), condicionando a que se evite seu proferimento com o intuito de não ofender ninguém, nem gerar desconforto ou descortesia. Para não incorrer nisso, os indivíduos buscam utilizar escolhas lexicais que substituam e, por

consequência, amenizem a carga semântica contida no item lexical marcado como tabu, dentre eles, o eufemismo, pois “na maioria dos casos, embora não em todos, a palavra tabu será abandonada e introduzir-se-á um substituto inofensivo, um *eufemismo* do grego *eu* “bem” + *pheme* “falar”. (ULLMANN, 1964, p. 426). Passemos à Figura 2.

**Figura 2.** Comparação entre as lexias “borrar” e “cagar”



**Fonte:** Google Trends (<https://bit.ly/3GeduSr>)

Na Figura 2, identificamos a frequência de ocorrências das unidades lexicais “borrar” e “cagar” no Google, de janeiro de 2004 a agosto de 2021, sendo “cagar” aquela mais buscada nas consultas. Seguimos a análise dos verbetes transcritos a partir dos Quadros 4 e 5.

**Quadro 4.** Entrada “borrar” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
-----	<p><b>bor.rar</b> verbo trans. dir. <b>1.</b> Sujar em borrões. <b>2.</b> Riscar, rabiscar. <b>3.</b> Pintar de maneira grosseira. <i>Pronominal</i> e intrans. <b>4.</b> Popular Defecar.</p>	<p><b>bor.rar</b> v. {mod. 1} <i>t.d., int. e pron. infm.</i> <b>1.</b> sujar(-se) com borrão; manchar(-se) □ <i>t.d. e pron. gros.</i> <b>2.</b> sujar(-se) com fezes □ <i>t.d. p.ext.</i> <b>3.</b> rabiscar, riscar (algo escrito) □ <i>pron. fig. gros.</i> <b>4.</b> ter medo; apavorar-se [ETIM: <i>borra</i> \ô\ + <sup>2</sup>-ar]</p>	<p><b>borrar</b> (borrar) <b>1</b> Pop. Sujar(-se), manchar(-se) [<b>td.</b>: (seguido ou não de indicação de modo): <i>Borraram</i> a toalha (com molho); <i>Borrou-se</i> de tinta.] [<b>int.</b>: A pintura <i>borrou</i>.] <b>2</b> Riscar (o que se escreveu) <b>td.</b>: Na prova, procure não <i>borrar</i> as respostas.] <b>3</b> Fig. Pintar mal em, fazer pintura tosca em [<b>td.</b>: <i>Borrava</i> telas e ainda se achava um artista.] <b>4</b> Pop. Fig. Defecar [<b>int.</b>: Perdeu o controle e <i>borrou-se</i> todo.] <b>5</b> Gír. Fig. Ficar aterrorizado, em pânico [<b>int.</b>: (seguido de indicação de causa): <i>Borrou-se</i> susto.] <b>6</b> Tornar indistinto, obscurecer [<b>td.</b>: As lágrimas <i>borravam</i> sua visão.] <b>7</b> Fazer borrão ou rascunho (de algo) para depois executá-lo em definitivo (em artes plásticas, literatura) etc. [<b>td.</b>: <i>Borrar</i> um quadro/um conto/um poema.] <b>8</b> Lus. Rabiscar, fazer grafitos em (muros etc.); pichar [<b>td.</b>] <b>9</b> Pej. Escrever textos banais, medíocres [<b>td.</b>: Esse escritor <i>borrou</i> uns poeminhas e foi só.] <b>10</b> Pej. fazer pinturas, gravuras etc. de má qualidade [<b>td.</b>: Não é um pintor, <i>borra</i> uns quadros de vez em quando.] ▶ <b>1</b> borrar] [f.: <i>borra</i> + -ar<sup>2</sup>. Hom./Par.: <i>borro</i> (fl.), <i>borro</i> (sm.); <i>borra</i>(s) (fl.), <i>borra</i> (sf. e s2g. [e pl.].)]</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

**Quadro 5.** Entrada “cagar” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

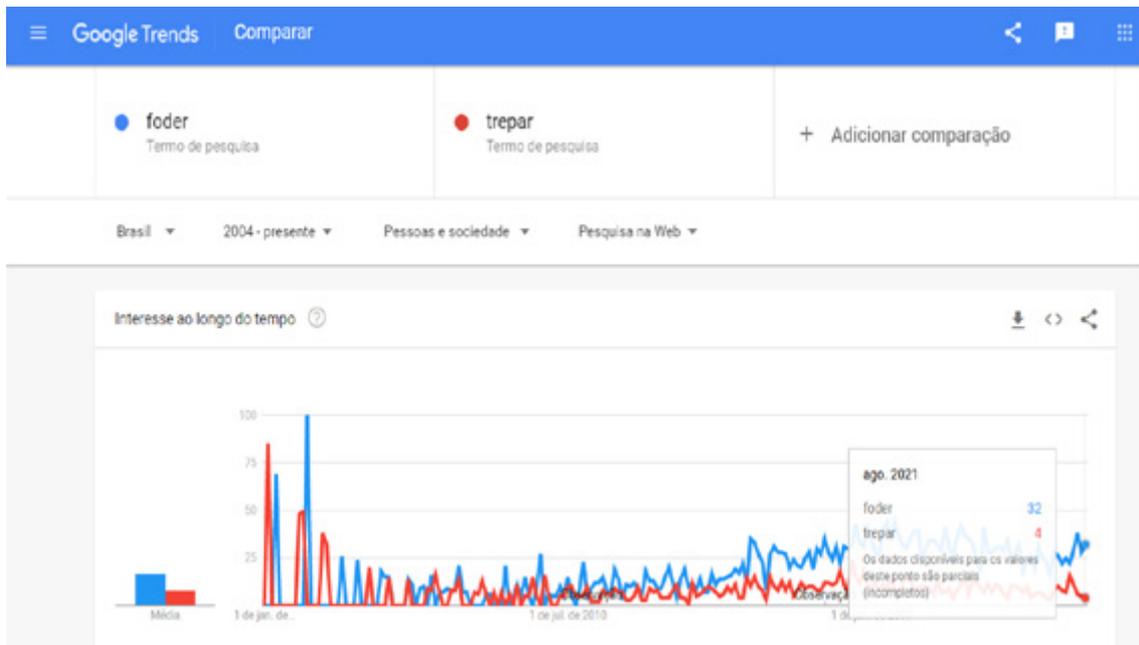
SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>cagar</b> (ca.gar) vi <i>vulg</i> <b>1.</b> Expelir fezes, defecar; vp <b>2.</b> sujar-se com as próprias fezes; <b>3.</b> <i>fig</i> apavorar-se (<i>Com a turbulência do avião, cagou-se de medo.</i>); <i>vti</i> <b>4.</b> <i>fig vulg</i> não dar importância para algo (<i>Os alienados estão cagando para o que acontece no mundo...</i>); <b>5.</b> fazer mal algo (<i>Aquele grupo cagou o trabalho de Física.</i>) V conjug <b>rogar</b>.</p>	<p><b>ca.gar</b> verbo <i>intrans.</i> e <i>pronominal</i> <i>Chulo</i> Veja <i>defecar</i> (2 e 3). [Conjugação: <i>largar</i>.]</p>	<p><b>ca.gar</b> v. {mod. 1} <i>int.</i> <b>1</b> expelir fezes; defecar □ <i>t.d. e pron.</i> <b>2</b> (prep. <i>de</i>) sujar(-se), emporcalhar(-se) &lt;c.-se de tinta&gt; □ <i>t.i. fig. B</i> <b>3</b> (prep. <i>para</i>) não dar importância a; desprezar □ <i>pron.</i> <b>4</b> sujar-se de fezes, borrar-se [ETIM: lat. <i>cāco, as, āvi, ātum, āre</i> ‘cagar, evacuar o ventre, defecar’]</p>	<p><b>cagar</b> (ca.gar) <i>Tabu.</i> v. <b>1</b> expelir fezes pelo ânus; DEFECAR; EVACUAR [<i>int.</i>] <b>2</b> Tornar(-se) imundo (com fezes ou não); SUJAR(-SE) [<i>td.:</i> <i>Cagou-se com graxa</i>: “...a tal da mala de pau quebrou <i>cagando</i> o chão com uma gosma de gesso.” (Antônio Callado, <i>Reflexos do baile</i>)] <b>3</b> <i>Fig.</i> Expressar, lançar (ordens, regras, opiniões etc.) com arrogância [<i>td.</i>] <b>4</b> <i>Fig.</i> Ter medo, ficar apavorado, acovardar-se; BORRAR-SE [<i>int.:</i> <i>O suspeito cagou-se todo ao ser interrogado.</i>] <b>5</b> <i>Bras. Fig.</i> Não dar importância a [<i>tr. + para:</i> <i>Ele (se) caga para críticas infundadas.</i>] <b>6</b> <i>Bras. Fig.</i> Fazer mal, sem capricho (trabalho, tarefa etc.) [<i>td.:</i> <i>Ele cagou todo o desenho.</i>] <b>7</b> Pôr a perder, fazer malograr, estragar, arruinar [<i>tr.:</i> <i>Depois de quase pronto, as últimas pinceladas cagaram o quadro todo.</i>] [<i>tr. + com:</i> <i>O acordo estava quase costurado, mas o discurso dele cagou com tudo.</i>] <b>8</b> Sair-se mal, fracassar, malograr [<i>int.:</i> <i>Não estudou para a prova e não deu outra: cagou-se.</i>] <b>9</b> <i>Fig.</i> dar muita sorte [<i>int.</i>] ▶<b>14</b> cagar] [F.: Do lat. <i>cacare</i>, de formação expressiva] .] ■ ~ e andar Não ligar a mínima (para algo), não dar a menor importância (a algo) ~ para Não dar a menor importância a</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Em SJ, “borrar” não se encontra lematizada, ao passo que nos demais sim, sendo que, em AJ, essa unidade léxica não carrega nenhuma etiqueta; já em DHC, há a marcação *gros.* em duas acepções (2 e 4) e, em NAL, esses mesmos sentidos (acepções 4 e 5) são ainda mais amenizados pelas etiquetas *Pop.*, *Fig.* e *Gír.* Ao pensarmos em um equivalente sinonímico, por exemplo “cagar”, encontramos esses mesmos sentidos dicionarizados (expelir fezes ou defecar) marcados por suas respectivas restrições *vulg* (em SJ), *Chulo* (em AJ) e *Tabu* (em NAL). Se, por um lado, é positivo esse claro uso de diferentes marcas, por outro, é negativa a não distinção das características dessa etiquetagem com relação ao que seja considerado por seus lexicógrafos como *popular*, *figurado*, *gíria*, *chulo*, *vulgar*

e *tabu*, visto não existir uma linha divisória que esclareça essas diferenças pragmáticas a seu consulente. Provavelmente, essa linha divisória, se existir, é ultrapassada a depender de quem, quando e onde o sentido marcado circule. Observemos a Figura 3.

**Figura 3.** Comparação entre as lexias “foder” e “trepar”



**Fonte:** Google Trends (<https://bit.ly/3NvewvT>)

No decorrer das últimas quase duas décadas, “foder” tem se mantido mais frequente do que “trepar”, mesmo este apresentando mais sentidos do que aquele, conforme Quadros 6 e 7, a seguir:

**Quadro 6.** Entrada “trepar” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>trepar</b> (tre. par) <i>vti</i></p> <p><b>1.</b> Subir, agarrando-se com os pés e as mãos (<i>Trepou na árvore, mas o galho fraco quebrou, e ele despençou lá de cima.</i>);</p> <p><b>2.</b> subir em um lugar mais alto que aquele em que se está (<i>A criança trepou na cadeira.</i>); <i>vti</i> e <i>vi</i></p> <p><b>3.</b> <i>chul</i> fazer sexo. <i>V conjug amar.</i></p>	<p><b>tre.par</b> verbo <i>trans. dir.</i></p> <p><b>1.</b> Subir a, valendo-se das mãos e/ou dos pés.</p> <p><b>2.</b> Ir para cima de; subir, galgar. <i>Intrans.</i></p> <p><b>3.</b> Subir (planta trepadeira).</p>	<p><b>tre.par</b> v. {mod. 1} <i>int.</i> <b>1</b> ir para cima de (algo), agarrando-se com os pés e as mãos; subir &lt;<i>t. em árvores</i>&gt; ☞ <i>em árvores</i> é circunstância que funciona como complemento</p> <p><b>2</b> subir ao longo de &lt;<i>a planta trepava pelo muro</i>&gt; ☞ <i>pelo muro</i> é circunstância que funciona como complemento □ <i>t.d. e int.</i></p> <p><b>3</b> pôr(-se) em cima ou por cima de; sobrepor(-se) &lt;<i>t. o irmão na bicicleta</i>&gt; &lt;<i>o dente trepou sobre o outro</i>&gt; ☞ <i>na bicicleta</i> e <i>sobre outro</i> são circunstâncias que funcionam como complemento □ <i>t.i. e int. fig. B gros.</i></p> <p><b>4</b> (prep. <i>com</i>) fazer sexo (com) [ETIM: prov. da onom. <i>trip</i> imitativa do ato de pisar]</p>	<p><b>trepar</b> (tre.par) v. <b>1</b> Subir em (algo) agarrando-se com os pés e com as mãos [<b>ta.</b>: <i>Trepou na cerca de arame trançado.</i>] <b>2</b> Ir para (lugar mais alto, mais elevado) [<b>ta.</b>: <i>O cachorro trepou na mesa.</i>] <b>3</b> Ir para cima, para lugar alto ou mais alto [<b>td.</b>: <i>A trilha trepava a encosta.</i>] <b>4</b> Colocar(-se) em cima de [<b>ta.</b>: <i>Um galho trepava sobre outro.</i>] <b>5</b> Colocar (algo ou alguém) sobre algum lugar ou objeto [<b>tda.</b>: <i>O pai trepou o menino na janela.</i>] <b>6</b> Elevar-se a melhores condições (sociais, profissionais) [<b>tr.</b> + <i>a.</i>: <i>Ambicionava trepar a cargos melhores.</i>] <b>7</b> <i>Bras. Fig.</i> Difamar, maldizer, humilhar [<b>tr.</b> + <i>em.</i>: <i>Ela vive a trepar nos vizinhos.</i>] <b>8</b> <i>Bras.</i> Apresentar coincidência, ger. de horários [<b>int.</b>: <i>A aula de matemática e a de história trepavam.</i>] [<b>tr.</b> + <i>com.</i>: <i>Na programação, a palestra sobre biodiversidade trepa com a dos transgênicos.</i>] <b>9</b> <i>Bras. Pop.</i> manter relações sexuais com [<b>tr.</b> + <i>com.</i>: <i>Preferiam trepar com as escravas.</i>] [<b>int.</b>: <i>Ele só pensa em trepar.</i>] [► <b>1</b> trepar] [F.: De <i>trep</i> (onomat.). Ant.: <i>destrepar</i>. Hom./Par.: <i>tropa(s)</i> (fl.), <i>tropa</i> (sf. e pl.). Ideia de ‘trepar’: usar antepos. <i>anaben.</i>(o).]</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

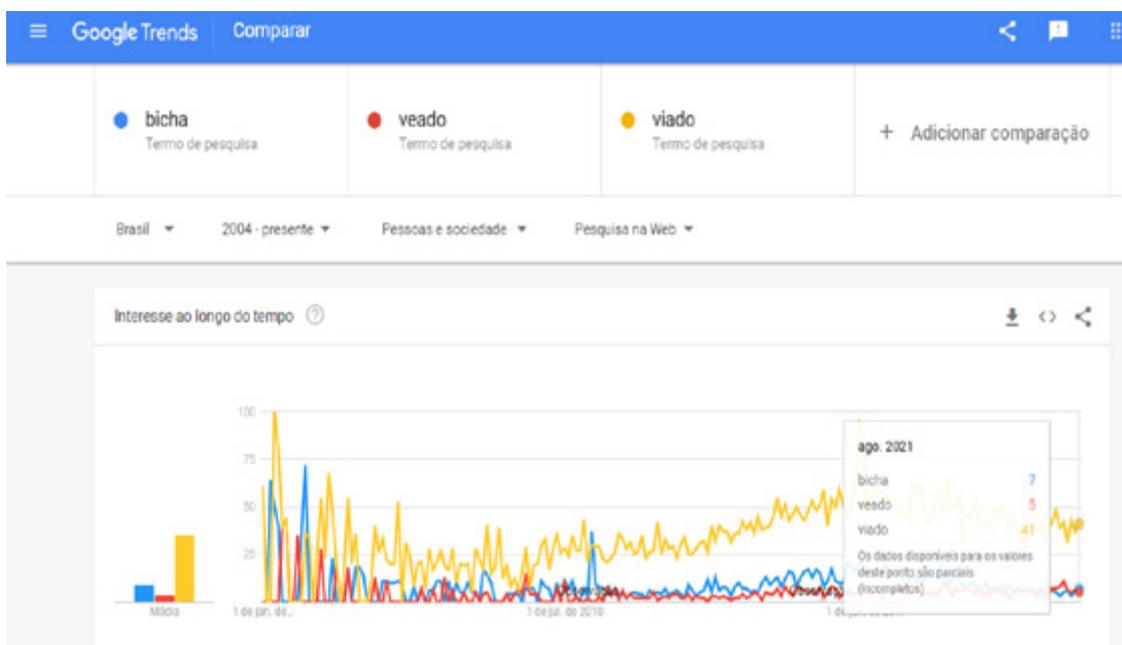
**Quadro 7.** Entrada “foder” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>foder</b> (fo. der) <i>vtd, vti</i> e <i>vi</i> <b>1.</b> <i>chul</i> Ter relação sexual (com); <b>2.</b> <i>pop chul</i> prejudicar alguém ou dar-se mal. <i>V conjug beber.</i></p>	<p>-----</p>	<p><b>fo.der</b> <i>v.</i> {mod. 17} <i>t.d., t.i. e int. gros.</i> <b>1</b> (prep. <i>com</i>) ter relação sexual; copular □ <i>t.d., t.i. e pron. gros.</i> <b>2</b> <i>p.ext. fig.</i> (prep. <i>com</i>) causar mal a ou dar-se mal; arruinar(-se), desgraçar(-se) [ETIM: lat. vulg. *<i>futere</i>, alt. do lat. cl. <i>futuo, is, ui, utum, ere</i> ‘ter relações com mulher’]</p>	<p><b>foder</b> (fo.der) <i>Tabu. v.</i> <b>1</b> <i>Tabu.</i> Ter relação sexual com; COPULAR [<b>tr.</b> + <i>com</i>: <i>É um don Juan, já fodeu com todas as colegas de turma.</i>] [<b>int.</b>: <i>Resolveram foder logo no primeiro encontro.</i>] [<b>td.</b>: <i>Fodeu a menor e acabou preso.</i>] <b>2</b> <i>Bras. Fig.</i> Causar mal a (algo ou alguém, inclusive si mesmo), arruinar; sair-se mal em algo; ARRUINAR(-SE) [<b>td.</b>: <i>Vou te foder, vou acabar com tua alegria!</i>; <i>Subiu bêbado no palco e fodeu o espetáculo.</i>] [<b>tr.</b> + <i>com</i>: <i>Ele fodeu com a carreira do chefe, denunciou todas as mutretas.</i>] [<b>int.</b>: <i>Exagerou na velocidade e fodeu-se: bateu de frente.</i>] <b>3</b> <i>Bras.</i> Não se importar com, não dar a mínima para [<b>tr.</b> + <i>para</i>: <i>Estou-me fodendo para seus escrúpulos.</i>] <b>4</b> <i>Bras.</i> Ir para o inferno, danar-se [<b>int.</b>: <i>Foda-se tudo! Ela que se foda, não vou fazer o que quer.</i>] [►<b>2</b> foder] [F.: Do lat. vulg. <i>futere</i>. Hom./Par.: <i>foda</i> (fl.), <i>fodas</i> (fl.), <i>foda</i> (sf. [pl.].)]</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Nesse outro par de itens lexicais, parcialmente sinonímicos, a coincidência na marcação de significados entre as lexias “trepar” e “foder” pretende deixar claro ao consulente a ocorrência de “uma significação mais restrita ou mais ampla, maior ou menor expressividade, buscando suavizar ou não a expressão” (BERTONHA, 2018, p. 63), pois é necessária a questão da gradação e da variação (linguística e extralinguística) no que tange às relações de significação desempenhadas, contextualmente, por essas lexias. Note-se que o sentido em pauta (ter relações sexuais) de “trepar” e “foder” é marcado como algo chulo ou uma grosseira em SJ, AJ e DHC (salvo AJ que não dicionariza “foder”); entretanto, em NAL, essa mesma acepção é etiquetada como um brasileiro popular (“trepar”) e um tabu linguístico (“foder”), cujos exemplos fornecidos parecem manter a mesma carga, não apenas semântica, mas sobretudo pragmática. Passemos à Figura 4.

**Figura 4.** Comparação entre as lexias “bicha”, “veado” e “viado”



**Fonte:** Google Trends (<https://bit.ly/39FssEV>)

Contrariamente ao que se verifica como frequente na *Web corpus* (Figura 4), a lexia “viado” não está dicionarizada nos dicionários de nosso *corpus* (Quadro 10). Com relação às outras duas “bicha” e “veado”, que estão lematizadas, há 15 marcas de uso (*Bras; Lus; vulg; Popular; infm.; N.E.; Gír; RJ; Zool; pej; fig.; gros.; Cul.; Lud.; Tabu.*) que especificam os contextos de suas acepções.

**Quadro 8.** Entrada “bicha” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>bicha</b> (bi. cha) <i>sf</i> <b>1.</b> <i>Bras</i> L o m b r i g a ; <b>2.</b> <i>Lus</i> fila; <i>s</i> 2 g ê n <b>3.</b> <i>Bras vulg</i> homossexual masculino.</p>	<p><b>b i . c h a</b> <i>subst. fem. Popular</i> Lombriga.</p>	<p><b>bi.cha</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> <i>infrm.</i> verme, esp. lombriga  <span style="border: 1px solid black; padding: 0 2px;">□</span> <i>adj.2g.s.2g.</i>  <b>2</b> <i>infrm.</i> (indivíduo) a f e m i n a d o [ETIM: <i>bicho</i> com alt. da vogal temática -o para -a]</p>	<p><b>bicha</b> (<i>bi.cha</i>) <i>sf.</i> <b>1</b> <i>Bras.</i> Verme, parasito do intestino humano, o mesmo que <i>lombriga</i> <b>2</b> <i>Bras.</i> Ver <i>sanguessuga</i> <b>3</b> Qualquer verme ou réptil de corpo comprido <b>4</b> Fêmea de animal, esp. de grande porte <b>5</b> Brinquedo para crianças, formado de muitas aspas unidas que se estendem rapidamente, feito de arame ou de varas de pau e tendo na extremidade uma figura de cobra ou lagarto <b>6</b> <i>Pop.</i> Mulher de mau gênio <b>7</b> <i>N.E. Gír.</i> Cachaça <b>8</b> <i>RJ</i> Nos engenhos de açúcar, serpentina de alambique <b>9</b> <i>Gír.</i> Febre amarela <b>10</b> Busca-pé sem flecha, que ziguezagueia muito; DIABINHO-MALUCO <b>11</b> Escaler da alfândega us. na fiscalização para descobrir contrabando <b>12</b> <i>Pop.</i> Galão indicador de patente militar, na manga de farda ou uniforme <b>13</b> <i>Lus.</i> Fileira extensa de pessoas colocadas umas atrás das outras; FILA <b>s2g.</b> <b>14</b> <i>Bras. Vulg.</i> Homossexual masculino <b>a2g.</b> <b>15</b> <i>Bras. Vulg.</i> Que é homossexual [Col.: <i>bicharada, bicharia, bicheira.</i>] [F.: De <i>bicho</i>. Hom./Par.: <i>bicha</i> (<i>sf.</i> <i>s2g.</i> <i>a2g.</i>), <i>bicha</i> (<i>fl.</i> de <i>bichar</i>). Nas acps. 14 e 15 denota preconceito.]  <span style="border: 1px solid black; padding: 0 2px;">■</span> <b>~ de rabear</b> <i>Bras.</i> Fogo de artifício parecido com o busca-pé, mas sem estouro. <b>Fazer ~s</b> <i>Bras.</i> Fazer travessuras, traquinar</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

**Quadro 9.** Entrada “veado” em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
<p><b>v e a d o</b> (ve.a.do) <i>sm</i> <b>1.</b> <i>Zool</i> Mamífero ruminante, veloz e de chifres em forma de ramos; <b>2.</b> <i>pej</i> homem homossexual.</p>	<p><b>v e . a . d o</b> <i>subst. masc.</i> Mamífero herbívoro, ruminante, de cauda curta, chifres ramificados, e muito veloz.</p>	<p><b>ve.a.do</b> <i>s.m.</i> <b>1</b> designação comumaváriosmamíferos cervídeos de coloração acastanhada, pernas longas e cauda curta <b>2</b> <i>fig. gros.</i> homossexual do sexo masculino [ETIM: lat. <i>venātus,us</i> 'caça, produto de caça']</p>	<p><b>veado</b><sup>1</sup> (ve:a.do) <i>sm.</i> <b>1</b> <i>Zool.</i> Denominação comum a diversas ssp. de mamíferos quadrúpedes ruminantes da fam. dos cervídeos, de coloração normalmente parda, de cornos ramificados (esgalhos) ou simples, presentes nos machos, patas compridas, cauda curta, muito ligeiro e tímido; CERVO. <b>2</b> <i>Cul.</i> Prato feito com a carne desse animal. <b>3</b> <i>Bras. Vulg.</i> Homem homossexual [At! Considerado depreciativo ou preconceituoso nesta acp.] <b>4</b> <i>Lud.</i> No jogo do bicho, o 24º grupo correspondente ao número do veado (24), e que compreende as dezenas 93, 94, 95 e 96 [F.: Do lat. <i>venatus, us</i>. Hom./ Par.: <i>viado</i> (a. e sm.).] ■■ <b>Bancar o ~ 1</b> <i>Bras. Pop.</i> Fugir <b>2</b> <i>Tabu.</i> Agir covardemente, ou de maneira condenável, com alguém ou numa situação <b>Jogar no ~</b> <i>Bras. Pop.</i> Fugir.</p>

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

**Quadro 10.** Entrada ‘viado’ em verbetes dos quatro dicionários do *corpus*

SJ (2011)	AJ (2011)	DHC (2011)	NAL (2011)
-----	-----	-----	-----

**Fonte:** Dicionários do *corpus*

Como é possível notar (Quadros 8 e 9), o sentido que indica um indivíduo como homossexual masculino está marcado como vulgar nos verbetes “bicha” (de SJ e NAL) e “veado” (de NAL), entretanto, neste último, há uma informação de pós-comentário que pretende reforçar o caráter dessa acepção, flagrando-se, então, uma insuficiência na presença da marca de uso, a qual poderia ser substituída por *Chulo*. Em DHC, a segunda acepção de “bicha” marca um contexto de informalidade atribuindo a identificação de afeminado ao indivíduo, a nosso ver, equivocadamente, pois revela uma descrição depreciativa.

Ainda sobre esse sentido, nos verbetes de “veado”, há as marcas *pejorativo*, *figurado* e *grosseria* que levam os consulentes a compreenderem que ao se referir a um homem (rapaz, menino) pode ser por um viés de desaprovação, depreciação, significação desagradável – contexto *pejorativo* –, alegoria, imitação – contexto *figurado* – e, por fim,

expressão indelicada, impolida – contexto de *grosseria*. Em NAL, há uma etiqueta *Tabu*. em uma das acepções fraseológicas – “bançar o veado” – que remete a uma ação covarde de alguém, ausente nas demais obras, mas que contribui para a ampliação vocabular do consulente dessa obra em particular a partir da dicionarização e marcação dessas nuances de sentido que revelam uma avaliação social negativa em relação ao indivíduo homossexual masculino. É preciso trazer à baila que esses usos preconceituosos são utilizados em situações de interação social em que indivíduos, cuja orientação sexual é a heterossexualidade, a fim de ofender aqueles de orientação homossexual ou mesmo quem possa demonstrar uma não virilidade masculina.

Por fim, acreditamos que uma marcação equivocada possa contribuir à própria manutenção do uso preconceituoso na língua; portanto, as obras dicionarísticas precisam instrumentalizar seus consulentes para os diferentes contextos de uso das lexias. No decorrer da análise deste estudo, verificamos que muitas lexias são consideradas como chulismos e tabuísmos, e não são aceitas socialmente, embora Tartamella (2006, p. 275, tradução nossa<sup>7</sup>), alerte que “esses itens são usados em relações de casais como forma de intimidade, como linguagem secreta e para marcar a singularidade da relação com itens inéditos”, quer dizer, não triviais publicamente, tais como aqueles evidenciados em nosso recorte (“bunda”, “cu”, “rabo”, “foder”, “trepar”). À vista disso, há uma maior preferência nos usos eufemísticos dessas unidades lexicais que funcionem como uma forma de abrandamento de um determinado item lexicográfico. Por outro lado, o uso das unidades tabu e chulas podem resultar, muitas vezes, na sua dicionarização.

## À guisa de conclusão

Conseguimos depreender que SJ, AJ e DHC oferecem, em grande parte de seus verbetes, neutralidade aos consulentes, verificada por um uso mais frequente de marcas que geram certa opacidade contextual a seus itens lexicais. A respeito das nomenclaturas dos dicionários, não identificamos informações sobre a recolha dessas lexias, seguindo incoerentes e, de certa forma, inadequadas. Realmente, parece-nos não haver razão compreensível para “veado” e “bicha” comporem a nomenclatura e “viado” não estar lematizada nessas obras dicionarísticas escolares.

A partir da análise de nove itens lexicais chulos ou tabuizados, podemos reconhecer que muitos equivalentes sinônimos podem revelar, por consequência a valorização ou desprestígio de um item lexical por uma determinada sociedade ou mesmo o receio de pronunciá-lo em um ambiente, direta ou indiretamente, reprimido. Assim, opta-se por usar a unidade oficial ou terminologicamente tida como correta; com isso, a seleção lexical realizada, seja pelo usuário ou pelo lexicógrafo, revela as escolhas a partir de sua cultura. Portanto, a proliferação ou não dessas lexias indica sua valorização ou seu repúdio social.

---

7 No original: “Questi termini sono usati nelle relazioni di coppia come forma di intimità, come linguaggio segreto e per marcare l’unicità della relazione con termini inediti”.

Pretendemos destacar que diferentes marcas de uso são empregadas em uma mesma entrada a depender do Tipo de dicionário a partir da reflexão sobre usos linguístico-culturais do povo brasileiro. Ainda ressaltamos a importância de se observar as unidades lexicais em função de seu uso, descritas no espaço de interação social, acompanhadas por etiquetas de uso. Além disso, levantamos dúvidas sobre a descrição e a sistematicidade nos dicionários analisados, pois não há padronização pedagógica para a introdução das marcas, ponto fundamental para uma obra que se propõe escolar.

Por fim, é preciso que as marcas de uso, máxime aos dicionários escolares, sejam mais e melhor representadas, uma vez que podem desvelar ao consulente as possíveis nuances de sentido e a valorização que podemos – e que devemos – manifestar junto aos itens lexicográficos em contexto de uso, apropriada e acertadamente.

## Agradecimentos

O presente trabalho é um desdobramento da pesquisa de doutorado, em andamento, realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES – DS/CNPq – PD 2) pelo doutorando.

## REFERÊNCIAS

BERTONHA, F. H. C. *Proposta lexicográfica sinonímica: locuções adverbiais e prepositivas com 'a', 'de' e 'em'*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula (PNLD 2012: Dicionário)*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. *In: BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C. M. (org.). Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC / NUT, 2008. p. 129-167.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*. v. 111, p. 31-57, 1997.

FARIAS, V. S. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GEIGER, P. (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus linguísticos*. 2. ed. aum. vol. 15. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]: Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUTIÉRREZ CUADRADO, J. Ideología y lexicografía. In: VICENTE, F. S.; GARRIGA, C.; LOMBARDINI, H. E. *Ideolex. Estudios de Lexicografía y Ideología*, 2011.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 95-187.

HOUAISS, A. (org.); VILLAR, M. S. (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

ORLANDI, E. P. Discursive lexicography. *Alfa* (São Paulo), v. 44, p. 97-114, 2000.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

ROSSI, M. Autonymie et monstration du signe dans les dictionnaires pour enfants. In: *Actes du colloque International Le fait autonymique dans les langues et les discours*, Syled (Systèmes, langues, énonciation et discursivité). Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3), 2000.

SANTAMARÍA PÉREZ, M. I. *Tratamiento de las Unidades Fraseológicas en la Lexicografía Bilingüe español-catalán*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad de Alicante, 2000. Disponível em: [www.cervantesvirtual.com/fichaobra.html?Ref=6698](http://www.cervantesvirtual.com/fichaobra.html?Ref=6698). Acesso em: 01 set. 2021.

SARAIVA, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. G. *Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010.

STREHLER, R. G. As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande. Ed. UFMS, 1998. v. 1, p. 169-178.



TARTAMELLA, V. *Parolacce*. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR, 2006.

ULLMANN, S. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. 3. ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1964.

WELKER, H. A. Marcas de uso. *In: Dicionários*: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. rev. e amp. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 130-149.